

A FLORESTA AMAZÔNICA

PAUL LE COINTE

Muito já se escreveu a respeito da Floresta Amazônica, mas poucos foram os que souberam descrevê-la dentro de um espírito geográfico.

Em artigo publicado no "Bulletin de la Société de Géographie Commerciale" (vol. XXV, 1903) e reproduzido no tomo II de sua "Amazonie Brésilienne", PAUL LE COINTE conseguiu fazer uma descrição viva e completa daquele imenso mundo vegetal, conciliando perfeitamente o espírito científico com a pureza do estilo. Por isso mesmo, as páginas que aqui reproduzimos, de alto interesse geográfico, podem figurar em qualquer antologia literária.

Ao incansável estudioso da região amazônica, que gentilmente concedeu autorização para ser publicada a presente tradução, o Boletim Paulista de Geografia exprime os seus agradecimentos e presta suas homenagens.

Faz-se, em geral, uma idéia bastante falsa do aspecto que apresenta a floresta que encobre a maior parte da bacia do Amazonas.

Não merece ela nem as descrições pomposas deixadas por alguns poetas de imaginação fértil que jamais a viram, nem os qualificativos pouco amáveis que lhe atribuíram alguns notáveis exploradores que, metidos em seus navios, viram apenas a mata pantanosa da embocadura do grande rio ou mesmo as margens de seu curso médio, recobertas periodicamente pelas enchentes anuais, o que os levou a considerá-la horrível, mal cheirosa, absolutamente impenetrável, verdadeiro ninho de serpentes e de insetos daninhos.

Na realidade, nos terrenos baixos e úmidos, a vegetação abundante e cerrada do sub-bosque, a grande quantidade de cipós entrelaçados, a forte proporção de plantas espinhosas ou de ervas cortantes (como a tiririca, *Scleria* da família das Ciperáceas), opõem mil obstáculos ao caminhante e não permitem que sua vista alcance mais do que poucos passos além. Mas desde que nos afastemos das margens do rio, desde que nos libertemos da capoeira espessa que substituiu a floresta primitiva derrubada ou queimada e alcancemos as terras altas do interior ainda inexploradas ou, pelo menos, inproveitadas, a vegetação miúda e rasteira quase desaparece, árvores de todos os tamanhos elevam-se retilíneas, sem emitir ramos laterais a não ser a uma grande altura, procurando antes de mais nada colocar sua fronde entre as de seus vizinhos, afim de receber também sua parcela de ar e de luz. A seus pés, poucas plantas erbáceas ou

rasteiras crescem no solo e, por entre os inúmeros ramos que se elevam verticalmente e os gigantescos troncos largamente espaçados, não é difícil abrir passagem; um facão de mato, de lâmina curta (35 cm), largo e pouco espesso, é suficiente para cortar as lianas importunas. Aqui e ali, somente, alguns veteranos abatidos pela tempestade abriram, ao tombar no seio da floresta, verdadeiras clareiras, onde, sob a ação criadora dos raios solares, uma vegetação cerrada de espinheiros e de ervas trepadeiras desenvolve-se rapidamente; cada "cadáver" desses troncos colossais torna-se, assim, o centro de um bosque inextricável, que é inútil tentar atravessar, e, mais tarde, quando vem a fechar-se a abóbada das ramagens e a sombra sufocante torna de novo mais rarefeito o sub-bosque, seus enormes "esqueletos" musgosos e descarnados, muitas vezes quase tão duros como a pedra, acabam muito lentamente por se decompor ao contacto do solo, obrigando ainda a freqüentes desvios do viajante.

No meio dessa vegetação extremamente variada, mas de aspecto monótono pelo paralelismo constante de suas linhas, não se tem nenhum ponto de referência. Se estiver abandonado consigo mesmo, ao cabo de cinco minutos um viajante inexperiente voltará as costas ao seu objetivo e estará irremediavelmente perdido. Tropeçando nos troncos secos escondidos debaixo das folhas mortas, enterrando sua perna num tronco apodrecido que desejou transpor e que acreditava sólido, mas cuja casca cede sob seu peso, embaraçado de um lado por uma árvore espinhosa, envolvida por cipós que se lhe prendem ao pescoço, ao mesmo tempo que tenta desvencilhar-se dos que se enroscam em seus pés, sufocado pela atmosfera quente e saturada de umidade que o cerca, vê-se logo esgotado, coberto de suor, ofegante.

Pelo contrário, o indígena desliza como se fôra uma cobra por entre as árvores; para êle, a mata não possui cipós, os ramos não têm espinhos, nunca seus pés tropeçam em qualquer cousa; o sol é o seu guia. Caminhando rapidamente e sem rumor, sabe escolher com habilidade os melhores trechos da floresta e, embora pareça fazer mil voltas, atinge quase diretamente o lugar que pretende alcançar.

Entretanto, a natureza não concedeu ao indígena nenhum dom particular. Seu instinto desenvolveu-se certamente pelo hábito e pela necessidade, mas o europeu pode perfeitamente substituí-los por sua inteligência, chegando a adquirir muito bem a necessária prática para circular na floresta sem medo de se extraviar, perdendo depressa o sentimento de involuntária inquietação que ela a princípio lhe causa por sua imensidade misteriosa.

Cumprido observar, que, no sub-bosque sombrio e úmido, até onde jamais chega a alegria de um raio de sol, não se encontra nenhuma

flor (*); os detritos vegetais acumulados, semi-decompostos, revestem o solo com uma espessa camada plástica na qual os pés se afundam e que exala um cheiro acre e desagradável; não se vê nenhum pássaro, porque os ramos baixos não permitem que se distingam os que sobrevoam a cúpula de verdura e vão picar, nessas alturas, os frutos selvagens que se tornam maduros em plena luz. O silêncio reina por toda parte, interrompido apenas pelo grito queixoso de um tucano, o sonoro crocitar de alguma arara que passa em vôo rápido por sobre a floresta, as gritarias de um bando de papagaios que entram em disputa nos altos ramos carregados de frutos de alguma massaranduba alfaneira, ou o assobio doce e triste de um coatá empoleirado no alto de um imenso castanheiro.

Salvo se se tomar grandes precauções, no curso das caminhadas, raramente pode-se encontrar um animal de certa importância: a caça foge para bem longe ao ouvir o ruído do "terçado"; por vezes, um bando de pequenos e ágeis macacos passa aos saltos ou alguma cotia, interrompida em seu almoço, larga a amêndoa que estava roendo e dispara, soltando seu gritinho assustado. Os maus encontros são ainda mais raros: a onça toma todo cuidado em não se mostrar ao homem de quem desconfia e as serpentes não correspondem à má reputação que se lhe atribui; são raras e pouco agressivas. Muito mais terríveis são os mosquitos de toda espécie que, em certas áreas e em certas épocas do ano, não dão ao viajante um só minuto de tranquilidade, vindo algumas espécies substituir, durante a noite, aquelas que o perseguiram durante o dia. Ainda mais terríveis são os insetos de picadelas irritantes — mucuins e carrapatos, que muitas vezes pululam na vegetação erbácea e nas folhas baixas.

Somente com o crepúsculo vespertino é que a floresta parece animar-se repentinamente. Uma multidão de insetos produz os mais discordantes ruídos: aqui é o estridular agudo, que nos leva a tapar os ouvidos, de uma cigarra de grande porte; ali o tic-tac contínuo e monótono; mais além, um assobio tão potente como o de uma locomotiva, que solta uma simples jequitiranaboia (*Fulgor lanternaria*); de tempos em tempos, um pássaro lança um apêlo e outros lhe respondem; o uratauí (*Nyctibius grandis*) solta sua lúgubre gargalhada. Em terra, uma infinidade de pequenos animais, reptéis miúdos ou grandes insetos, rastejam-se nas folhas secas, que se quebram, dando a impressão de uma invasão de serpentes; e, como acompanha-

(*) O observador colocado de maneira que domine certa extensão da floresta percebe, pelo contrário, em determinadas épocas do ano, o topo de algumas árvores coberto por flores magníficas: o *pau d'arco* (*Tecoma conspicua*) ou a *quaruba* (*Vochysia obscura*), com grandes flores de um amarelo dourado brilhante; o *pau d'arco rôxo* (*Tecoma violacea*), com flores de um rôxo vivo; a "*Vochysia eximia*", Ducke, um dos mais belos vegetais amazônicos, com esplêndidas flores amarelas e folhas de um amarelo-acobreado na face inferior.

mento dessa estranha orquestra, ecoa o ininterrupto coaxar dos sapos, dentre os quais alguns atingem dimensões enormes e mugem como se fôsem bois.

Depois cessa tudo e, se o tempo está firme, na obscuridade manchada de luzes fosforescentes e riscada a cada instante pelo zigue-zaguear luminoso dos pirilampos, reina a mais profunda calma na floresta durante a longa noite tropical; e esta tranquilidade só é quebrada, por ocasião da aurora, pelos gritos cavernosos dos guaribas que, como atentas sentinelas encarapitadas nas forquilhas dos mais altos ramos de um dos reis da floresta onde passam a noite, saudam o sol nascente através de uma tremenda algazarra.

Pelo contrário, bastante difícil é imaginar todo o horror de uma noite de tempestade em plena mata. Mal seguro contra a chuva diluviana que se despeja por sôbre as fôlhas de palmeira apressadamente colocadas à tarde em cima de sua rêde, o viajante procura em vão sondar com o seu olhar inquieto as profundezas ameaçadoras das trevas, dentro das quais sente-se isolado e perdido. Em baixo, a atmosfera é relativamente calma; mas no alto, no negrume, entrechocam-se furiosamente as ramagens retorcidas pela tempestade. Por instantes, o clarão dos relâmpagos atravessando a espessura da folhagem recorta bruscamente a silhueta sombria e sinistra dos grandes troncos que o cercam, e o estrondo das árvores que desabam, de mistura com os ribombos estranhamente sonoros dos trovões, lembram-lhe que se acha a mercê de qualquer ramo morto arrancado pelo vento e que poderá, em sua queda, esmagá-lo sob o seu frágil abrigo.

Em resumo: a floresta virgem da Amazônia é pouco hospitaleira e não foi sem razão que ALBERTO RANGEL batizou-a com o nome de *Inferno Verde*; dentro dela, pode-se fâcilmente morrer de fome em qualquer época e pode-se sofrer de sede durante a estação sêca, quando quase tôdas as torrentes que a escavam ficam sêcas ou reduzidas a algumas poças d'água estagnada e salôbra; é ela bastante cerrada e muito regularmente plantada para ser grandiosa ou pitoresca, por demais sombria e silenciosa para ser alegre, abrigo insetos em demasia para ser agradável; acaba por produzir com o tempo sôbre o viajante uma impressão de vaga tristeza, de mal-estar, uma espécie de opressão que o leva a soltar um suspiro de alívio e um grito de alegria quando o acaso o conduz a alguma campinarana ou quando atinge a margem ensolarada de um curso d'água com suas ondas movimentadas, rumorejante e espumante por entre os rochedos que ainda repontam em seu leito incompletamente escavado.

(Traduzido por Aroldo de Azevedo do tomo II de *L'Amazonie Brésilienne*, ed. Augustin Challamel, Paris, 1922, págs. 1 a 6).